



MAÍRA SPANGHERO
(Organizadora)

Fluxos de Pesquisa em Dança no Brasil

©

Direitos dessa edição cedidos à UFBA

Feito o Depósito Legal

Grafia atualizada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 2009.

Capa

Aléxia Barbosa Corujas

Projeto Gráfico

Leonardo Mota Lorenzo

Revisão e Normalização

Bárbara Vanessa Valverde

Cíntia Oliveira Gonzaga

Sistema de Bibliotecas – UFBA

Fluxos de pesquisa em dança no Brasil / Maíra Spanghero (Org.). - Salvador:

UFBA, 2015.

123p. v.1

ISBN 978-85-8292-093-0

1. Dança - Brasil. 2. Dança moderna - Brasil. 3. Linguagem corporal.
4. Dança - Inovações tecnológicas. I. Spanghero, Maíra.

CDD - 793.30981

Apoio financeiro



CAPES

Plasticidade evolutiva: corpomídia, o além mar do corpo-máquina

LELA QUEIROZ, HELENA KATZ

Transformado em *commodity*¹ pelos meios de comunicação, o conceito 'corpo-máquina' popularizou-se também na dança. Com ele, surgem formulações como a de um corpo 'pós-humano' ou de 'extensões do corpo'. Aqui se propõe o conceito de corpomídia (GREINER; KATZ, 2001) para lidar com essa situação e demonstrar que a plasticidade (EDELMAN, 1992) na qual a evolução se manifesta, produz um corpo que se distende permanentemente, cancelando o uso de prefixos como 'pré' e 'pós' e o uso do substantivo 'extensão'. Salientando a plasticidade da perspectiva evolutiva, ainda pouco explicitada sobre o processo de *embodiment*/corporalização² (QUEIROZ, 2004), este artigo engaja-se na proposta do grupo de

¹ Em inglês, *commodity* significa mercadoria, mas seu uso comum refere-se a um tipo específico: aquela mercadoria com pouca industrialização, geralmente provenientes de cultivo ou extração. Também pode identificar bens e serviços.

² *Embodiment* refere-se ao processo que transforma informação em corpo, como fluxo ines-

pesquisa DC-3: Dança, Ciência Comunicação e Cultura – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), que se dedica a refletir questões teórico-práticas da cognição com princípios evolutivos a respeito do movimento. (SHEETS-JOHNSTONE, 1998; THELEN, 1995).

Dentre as formulações de corpo e mente, uma delas, a que Descartes (1596-1650) propôs no século XVII, se projeta com grande força até os dias de hoje: “a mente é sem corpo. Ela é substância mental, enquanto o corpo consiste de substância física.” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 403)

“Transformado em objeto, o corpo e suas verdades passaram a depender de ciências capazes de desvendá-los, enquanto a mente *res cogitans*, apoiada no critério de idéias claras e distintas, apresentava-se como auto-evidente” (GREINER; KATZ, 2001, p. 66-67)

Com Descartes, o entendimento dessa mente ganhou uma descrição de contornos mais específicos, pois várias das funções atribuídas a ela ganharam explicações mecânicas no corpo, entre as quais, a digestão, a circulação e o movimento. (GREINER; KATZ, 2001)

Descartes separava corpo (localizando nele funções anteriormente atribuídas à alma) e mente apoiando-se na existência de dois tipos de substância: a mente seria formada pela *res cogitans*, imaterial, e o corpo, pela *res extensa*, material. A separação se conjuga com a descrição objetiva de mundo amparada na existência de verdades universais, das quais o entendimento de que existe uma separação entre corpo e sujeito, permeada pela desconfiança dos sentidos da carne, atravessou séculos e norteou a produção de conhecimento científico sobre corpo no Ocidente. Essa desconfiança liga-se também aos tabus religiosos do corpo. (PINKER, 2002, p. 8)

O fato de ambas serem substâncias não constitui um detalhe desimportante, pois traz o debate para a existência de tipos diferentes de substância, uma (a *res cogitans*) comandando a outra (a *res extensa*). Vale sublinhar que o próprio Descartes identificou, na meditação seis (“Sobre a Existên-

tancável dentro-fora-dentro recebe tradução de corporalização de Lela Queiroz que é tradutora formada, para escapar do entendimento fluxo fora-dentro, como incorporação, ou corporificação.

cia das Coisas Materiais e Sobre a Distinção Real da Mente e do Corpo”)³, a necessidade de juntá-las. (DESCARTES apud DENNET, 1993, p. 75)⁴ Tal compreensão tem fortes implicações para o ambiente da Dança, que ainda guia muitos, como a noção de essência e de técnica.

Mas é preciso cuidado quando o assunto é o dualismo. O filósofo Paul Churchland, no seu livro *Matéria e Consciência* (2004), chama a atenção para a necessidade de se distinguir dois tipos de dualismo: o dualismo de propriedade e o dualismo de substância. Com eles, podemos identificar melhor o que sustenta a concepção do ‘corpo-máquina’, tributária do dualismo cartesiano e do mecanicismo. Churchland nos aponta o dualismo de propriedade:

O cérebro é dotado de um conjunto especial de propriedades que nenhum outro tipo de objeto físico dispõe. Essas propriedades especiais são não-físicas: daí o título dualismo da propriedade [...] Essas são propriedades características da inteligência consciente. Elas são consideradas não-físicas no sentido de que jamais podem ser reduzidas ou explicadas exclusivamente em termos dos conceitos das ciências físicas habituais. (CHURCHLAND, 2004, p. 30)

E também o dualismo de substância:

A afirmação que caracteriza essa concepção é a de que cada mente é uma coisa não-física distinta, um ‘pacote’ individual de substância não-física, uma coisa cuja identidade é independente de qualquer corpo físico ao qual ela possa estar temporariamente ‘conectada’ Segundo essa concepção, as atividades e os estados mentais derivam seu caráter especial do fato de serem estados e atividades dessa substância única e não física. (CHURCHLAND, 2004, p. 26)

³ René Descartes publicou *Meditationes de prima philosophia, in qua Dei existentia et animae immortalitas demonstratur* (Meditações sobre Filosofia Primeira) em 1641. Neste livro, reúne seis meditações, e na sexta distingue a inteligência da imaginação, prova a existência dos corpos, e lista os erros que costumam originar-se dos sentidos.

⁴ Daniel Dennett, em seu livro *Consciousness Explained* (1993) formula a teoria de Descartes como sendo a de um “teatro cartesiano”, protagonizado por um homúnculo, uma ‘miniatura’ de cada um de nós, composta pela nossa essência.

Conhecendo os tipos de dualismos, nos tornamos mais capazes de identificá-los, sobretudo na visão de que o corpo funciona como um relógio, ou seja, como uma máquina regulada pelas leis da mecânica (provenientes da física). Não é difícil ligar essa enunciação a de uma máquina física (um *hardware* cérebro) acionada por algo que lhe faz funcionar (um *software* mente). Era o tempo em que a biologia, a química, a história e a psicologia engatinhavam, e a física dominava o saber. Seria necessário esperar pela segunda metade do século XX para que as ciências cognitivas pudessem produzir outro tipo de argumentos para explicar como o corpo funciona para além do corpo-máquina.

Contudo essa compreensão encontrou abrigo na dança e lá se expandiu. Consolidou o entendimento de que ela não poderia ser reduzida às ações físicas que a produzem porque isso configuraria o corpo que dança como um autômato que faz movimentos produzidos pelo seu sistema motor, sendo, portanto, uma mera engrenagem biomecânica. A dança precisaria contar com “um algo a mais”, para produzir os sentimentos e as emoções que singularizam cada um dos humanos. Steve Pinker (2004) em seu livro *Tábula Rasa* enfrenta o dogma da alma imaterial como fantasma na máquina, espécie de doutrina oficial do dualismo de propriedade e de substância, explicados por Dennett (1993).

A visão sobre dança, que se tornou tão popular no que se convencionou chamar de ocidente, elencou que seria prioritário, para o alcance da sua excelência, o aprimoramento pela técnica. Todavia, para que o corpo faça algo artístico, necessitaria mais do que o treino de uma técnica, pois que esta produziria somente exímios executores, mas não artistas. Tal crença pregava como alvo do artista o domínio do corpo como um instrumento de superação da técnica. Para enfrentar esse entendimento, vale recorrer a Richard Sennett (2009), que no seu livro *O Artífice*, constrói um olhar crítico sobre os significados do ‘fazer bem feito’ e examina a suposta superioridade de homo saber sobre homo faber nos pares: concepção versus execução, pensamento versus ação, mente versus corpo. Como nos informa o autor, parece demorar cerca de 10 mil horas para consolidar uma habilidade no corpo, podemos fazer a conta: dedicando cerca de 5 horas por dia, 6 dias na

semana e 12 meses do ano a um treinamento (5h x 6 dias por semana x 12 meses = 1.200h por ano), demora-se cerca de 8 anos para chegar perto das 10 mil horas. Sennett nos convida a questionar a separação entre a atividade mental e laboral.

É importante compreender o mau uso da expressão “a superação da técnica” porque vem dela o entendimento de que o saber artístico não pode estar ao alcance de todos os que desejam tê-lo. O equívoco garante que a dança só acontece quando aquele ‘algo a mais’ se instaura. Os poucos que se destacam, esses seriam os artistas. Com Sennett, consegue-se argumentar melhor que não se supera a técnica porque é com ela que se caminha para continuar aprimorando o fazer. Por outro lado, Dança não se reduz à técnica, pois nela também se inscreve pensamento.

Com Lakoff & Johnson (1999), que nos explicam sobre o inatismo, avança-se na faxina de outra falácia, a de que existem seres especiais, nascidos diferentes da maioria com um dom artístico. Teriam algum traço distintivo?

Parte da ideia do inatismo é que nascemos com certas capacidades, e com elas ficamos. São parte de nossa herança genética, que sempre teremos conosco. Mais ainda, o inatismo está normalmente ligado à noção de essência e de causa/efeito. O que somos essencialmente, já nasce conosco. O que aprendemos posteriormente é incidental, não necessariamente é parte do que somos. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 507)

A afirmação da existência de um dom inato se relaciona com a existência de algo que se pode chamar de essência – um algo que se mantém imune às transformações do corpo no tempo-espaço, e escapa dos processos permanentes de mudança. Em outra direção o que aqui se pleiteia é o abandono dos entendimentos apoiados na existência de uma essência, mesmo conhecendo a proposta de Aristóteles de essência como “unidade inteligível imediata”, da qual falava no livro VII da *Metafísica*, negando a noção de sujeito de Platão.

O conceito de corpomídia (GREINER; KATZ, 2001) abandona a noção de essência por entender o quanto ela se harmoniza com o corpo-proces-

sador, combinando também com a aceitação de que existe um dom. O corpo atuaria como uma máquina que vai processando a instrução que estava fora dela: a informação chegaria na forma de um *input* (uma entrada), seria processada dentro do corpo (o que já configura a imagem de um corpo-processador) e, depois, seria devolvida àquele mesmo fora de onde veio, na forma de um *output* (uma saída). O resultado da atividade de aprender algo, então, seria depositado pelo corpo-processador dentro dele, que colecionaria processamentos de *inputs* em *outputs*. A compreensão do corpo como uma caixa 'processadora' de informação alastrou-se, hoje pairando como a referência dominante ainda para o corpo na dança. É com o conceito de corpomídia, que se apoia na plasticidade evolutiva do corpo, que se escapa da lógica *input*-processamento-*output* que rege a concepção do corpo-processador.

Não se pode desconsiderar o fato de que também ocorrem mudanças ao longo do tempo, pois as informações vão se transformando em corpo, corporalizando. O entendimento do que são processos sem volta se transformou, mais recentemente, por conta dos avanços das pesquisas sobre corpo. São os processos permanentes de mudança que fazem o corpo ser um estado transitório da coleção de informações que lhe dá forma a cada momento da vida. "É o movimento que faz do corpo um corpomídia". (GREINER, 2005, p. 133)

Para além do corpo-máquina: plasticidade coevolutiva

Na contracorrente da hegemonia do corpo-máquina-processadora-de-informação está o corpomídia, e a compreensão de *embodiment* como corporalização: as informações se transformam em corpo.

Não se pode pensar em corpo sem ambiente, uma vez que o desenvolvimento de ambos se dá em codependência (oxigênio, nutrição, imunidade, etc.) e em permanente autopoiese (VARELLA, 1991): "Iiteralmente – produzirem de modo contínuo a si próprios.../autoprodutores – capazes de produzir seus próprios componentes ao interagir com o meio: vivem no conhecimento e conhecem no viver." (VARELLA apud QUEIROZ, 2009) Eis

o processo de produção de autonomia que a busca da sobrevivência gera, e que nos distingue da maioria das máquinas mecânicas, que ainda carecem de autopoiese, pois não geram processos por conta própria, só realizando aquilo para o que foram programadas.

O corpomídia vai além da preocupação somente com o corpo humano, pois se refere a todo e qualquer corpo. Ex: na decomposição de um pedaço da lataria de seu carro, no ferro velho, estão ocorrendo processos vivos e em continuidade de circuitações entre natureza e cultura. A diferença entre esses processos e os nossos está na ausência de autopoiese e no domínio da lógica causa-efeito, mas, mesmo assim, eles continuam atestando a plasticidade evolutiva produzida no continuum de transformações (que não tem fim) das suas relações com o ambiente.

Lakoff e Johnson (1999) também trabalham na perspectiva de que corpo e ambiente coevoluem, e propõem que o processo de geração da mente se dá com a participação do aparelho sensorio-motor, com base na teoria evolutiva:

A ciência cognitiva permite encarar de uma maneira nova e importante um problema filosófico milenar, o problema do que é real e como podemos conhecê-lo, se é que podemos. Nossa compreensão do que é real começa em e depende crucialmente dos nossos corpos, especialmente do nosso sistema sensorio-motor, que nos possibilita perceber, movimentar, manipular; e as estruturas detalhadas dos nossos cérebros, que têm sido formadas tanto pela evolução como pela experiência. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 17)

Atestam que a concepção humana de conhecimento de mundo é metafórica, e que estas metáforas se constroem no sistema sensorio-motor. Para os autores, "A metáfora permite que as imagens mentais dos domínios do sensorio-motor sejam usadas nos domínios da experiência subjetiva". (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 45)⁵

⁵ "Metaphor allows conventional mental imagery from sensorimotor domains to be used for domains of subjective experience". (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 45)

Explicam que sistemas vivos precisam categorizar (elaborar inferências) e que as categorias que nós, humanos, fazemos, são formadas através dos nossos corporalizações, ou seja, são corporalizações/*embodiments*, não são atividades puramente mentais, pois nossas categorias fazem parte da nossa experiência sensorio-motora. “Um conceito *embodied* é uma estrutura neural que faz parte ou usa o sistema sensorio-motor dos nossos cérebros. A maior parte da inferência conceitual, portanto, é uma inferência sensorio-motora” (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 20)⁶

Informações se corporalizam de forma dinâmica e recorrente porque o cérebro atua por seleção natural de variação, recombinação e adaptação (EDELMAN; TONONI, 2000),⁷ atividades permanentes que nos mantêm vivos e em constante transformação. Seres vivos proliferam por disposições relativas às trocas com o meio ambiente:

Nosso sistema de conceitos primários evoluiu para se ajustar aos modos com os quais nossos corpos, ao longo da evolução, se acoplaram com o meio ambiente, parcialmente pelo bem da sobrevivência, parcialmente pelo bem do florescimento humano para além da mera sobrevivência e parcialmente por acaso. (LAKOFF, 1999, p.91)

Os processos de fazer-se corpo coevoluem graças ao fluxo inestancável de circuitações que vão transformando ambos, corpo e ambiente. A vida se faz em permanente negociação de ajustes adaptativos, e a constante mudança impede que se formule o conceito de corpo como o de uma forma fixa com conteúdos que podem ser descritos na sua completude essencializada. O corpo se caracteriza por sua plasticidade adaptativa. Como não

⁶ “An embodied concept is a neural structure that is actually part of, or makes use of, the sensorimotor system of our brains. Much of conceptual inference is, therefore, sensorimotor inference”. (LAKOFF; JOHNSON, 1999, p. 20)

⁷ “Gerald Edelman sugere que o cérebro opera de forma emergente e dinâmica. A complexificação de mapeamentos em paralelo verte sobre três patamares: a dimensão do caos incluído nos processos, conjecturando os graus de instabilidade e estabilidade, a dimensão estatística e probabilística dada por sua estrutura não causal, a dimensão evolutiva dada pela variedade e seletividade”. (QUEIROZ, 2009, p. 62)

foi projetado a partir de um *design* que antecede a sua existência,⁸ não pode ter uma forma pré-definida, o que impede, inclusive, que se formule a existência de um corpo pós-humano. Se a forma do corpo vai se desenhando ao longo do tempo, em acordo com as adaptações que vão acontecendo, quando é que ela se esgota e, então, aparece aquela que a sucede, que é pós?

Aqui se aposta no corpo como o modelo básico dos processos de comunicação, perspectiva que permite explicar o seu papel no mundo. O corpo entendido desta forma refuta a concepção do corpo-máquina porque se distende permanentemente. Não mais as extensões de que McLuhan (1911-1980) nos falava em *Understanding Media: The Extensions of Man* (1964), propondo os meios de comunicação como extensões dos sentidos humanos, que ele chamou de “prótese técnica”. Para McLuhan, a roda seria uma extensão dos pés e da capacidade de locomoção, uma pinça traria maior precisão para a mão pegar algo, o telefone ampliaria a nossa fala. Ao invés de extensões, que pressupõem um corpo delimitado, de contornos definidos, aos quais as extensões se acoplam, a proposta é a de empregar o termo *distensão*, por ele implicar, obrigatoriamente, no acordo com o entendimento de um corpo sempre tecido pela sua plasticidade adaptativa, ou seja, que se distende permanentemente. A cada nova tecnologia, uma nova relação corpo-ambiente, o que significa dizer, novas necessidades adaptativas, materializadas como distensões – acordos plásticos necessários para a adaptação e a sobrevivência.

Distensões são as respostas sempre provisórias às demandas adaptativas e também elas vão mudando ao longo do tempo. Dançar hoje implica estar em contato muitas horas com diversas telas (tv, vídeo, computador, celular, *tablets*...). Convive com novos hábitos cognitivos, agora que a vida *on-line* já escorreu para a *off-line*, borrando a antiga separação entre ambas.

É a plasticidade – uma habilidade produzida pela evolução que permite que o corpo se distenda por corporalizações. E que impede que o corpo seja tratado como um projeto pronto, ao qual se pespegam o prefixo ‘pós’ ou os

⁸ Para compreender porque a noção de projeto não antecede a criação, ver KATZ (2011).

entendimentos de extensões como próteses acopladas. Eis porque o corpomídia é o além-mar do corpo-máquina.

Referências

- ANGIONI, L. O conceito de essência no livro VII da "Metafísica" de Aristóteles. *Boletim do CPA*, Campinas, n. 3, p.113-122, jan./jun, 1997.
- CHURCHLAND, P. M. *Matéria e consciência*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- DAWKINS, R. *The extended phenotype: the gene as the unit of selection*. Londres: Oxford University Press, 1982.
- DENNETT, D. C. *Consciousness explained*. London: Penguin, 1993.
- DESCARTES, R. *Meditações sobre filosofia primeira*. Tradução de Fausto Castilho. São Paulo: Ed. UNICAMP, 2004.
- EDELMAN, G. M. Memory and the individual soul: against silly reductionism. In: EDELMAN, G. M. *Bright air, brilliant fire: on the matter of the mind*. New York: Basic Books, 1992. p. 165-187.
- EDELMAN, G. M.; TONONI, G. *A universe of consciousness: how matter becomes imagination*. New York: Basic Books, 2000.
- GREINER, C.; KATZ, H. A natureza cultural do corpo. *Revista Fronteiras*, São Paulo, v. 3, n. 2, p. 65-75, 2001.
- HOFFMEYER, J. Semiose e membranas vivas. In: SEMINÁRIO AVANÇADO DE COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA, 1., 1998, São Paulo. *Anais de fundamentos biocognitivos da comunicação: biossemiótica e semiótica cognitiva*. São Paulo: Capes, 1998.
- JOHNSON, M. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- KATZ, H. *Um, dois, três: a dança é o pensamento do corpo*. 1994. 191 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.
- KATZ, H. Uma proposta evolucionista para o entendimento de projeto. NAVAS, C.; ISAACSSON, M.; FERNANDES, S. (Org.). *Ensaio em cena*. São Paulo: Abrace, 2011. p. 152-167.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MCLUHAN, M. *Understanding media: the extensions of man*. Cambridge: MIT Press, 1964.

LEWONTIN, R. C. *A tripla hélice: gene, organismo e ambiente*. Tradução de José Viegas Filho. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

PINKER, S. *How the mind works*. New York: norton, 1997.

PINKER, S. *The blank slate: the modern denial of human nature*. Ed. Viking Penguin, 2002.

QUEIROZ, C. F. P. *Processos de corporalização nas práticas somáticas BMC*. In: NORA, S. *Hímus 1: planejamento e realização*. Caxias do Sul: Lorigraf, 2004. p. 167-176.

QUEIROZ, C. F. P. Fricções entre dança e somática. In: RENGEL, L.; THRALL, K. (Org.). p. 79-100. p. *Coleção corpo em cena*. Guararema: Anadarco, 2013a.

QUEIROZ, C. F. P. *Corpo, mente, percepção: movimento em BMC e Dança*. São Paulo: Annablume, 2009

QUEIROZ, C. F. P. *Corpo, mente, movimento e contato*: BMC e Dança, Arte e ciência. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013b.

SEBOK, T. A. *A sign is just a sign*. Bloomington: Indiana University Press, 1991. (Advances in semiotics).

SEBOK, T. A. Comunicação. In: RECTOR, M.; Neiva, E. *Comunicação na era pós-moderna*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SENNETT, R. *O artífice*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

SHEETS-JOHNSTONE, Maxine. A natural history. *Journal of consciousness Studies*. v. 5, n. 3. London: Imprint UK, 1998.

THELEN, Esther. *A dynamic systems approach to the development of Cognition and Action*. Mass: MIT Press, 1995.

VARELLA, F. J.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. *The embodied mind: cognitive science and human experience*. Cambridge: MIT Press, 1991.